

AS TEORIAS DE LINGUAGEM, AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E A METODOLOGIA ADOTADA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Renata da Silva de Barcellos
(CEJLL/NAVE, UNICARIOCA e UFF)
osbarcellos@ig.com.br

1. Fundamentos teóricos – metodológicos

Para apresentar a linha teórica adotada na minha prática pedagógica, inicialmente, cabe apresentar as instituições tecnológicas onde leciono: Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE e a UNICARIOCA. No Rio de Janeiro, esta faculdade é pioneira no uso da tecnologia como recurso tecnológico. As salas de aulas são equipadas com computador, data show, caixas de som, quadro branco, internet para acessar o ambiente MOODLE – intitulado 28 horas – <http://www.unicarioca.com.br/> – cujo objetivo é postar material, propor fóruns, realizar a AV2 on-line, enviar mensagens, dentre outras questões. Já aquele, o CEJLL/NAVE, é uma parceria do público, Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, com o setor privado, a OI Futuro. A proposta da escola é um ensino integral (funciona das 7:00 às 17:00) e integrado (os alunos saem habilitados em um destes cursos técnicos: *Mídias, Programação de jogos e Roteiro digital*). A filosofia é de um ensino interdimensional – teoria do professor Antonio Carlos – cuja definição é

a proposta pedagógica que procura articular os fins e os meios da ação educativa, visando tornar real essa expectativa com base numa visão do homem, do mundo e do conhecimento consistente com as exigências dos novos tempos. http://www.modusfaciendi.com.br/midia_entrevista.htm.

A proposta desta instituição é ser um centro disseminador de novas práticas pedagógicas. Para isso, os educadores fazem parte de linhas de pesquisa, dentre elas: “Ensino médio integrado” e “Educador-orientador”.

Na área de língua portuguesa, desenvolvo um trabalho no 3º ano do ensino médio do CEJLL; e, na UNICARIOCA (ministro disciplinas como *Comunicação e Expressão, Didática da Língua Materna e Oficina*), cuja concepção de linguagem é a de uma forma de interação. Isso significa que mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é entendida como um lugar de

interação humana (GERALDI, 1984). Como "uma ação orientada para uma finalidade específica (...) que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história" (BRASIL, 1998, p. 20).

Atualmente, mais do que nunca, com os nossos educandos *nativos digitais* (a expressão foi criada por Prensky e adotada por Palfrey e Gasser no livro *Nascidos na Era Digital* (2011), dentre outros autores. Ela refere-se àqueles nascidos após 1980 e que tem habilidade para usar as tecnologias digitais), precisamos rever nossa metodologia. Devido a essa característica do educando do mundo contemporâneo, há exigências que demandam uma metodologia na qual o uso das diversas tecnologias colaborem para uma efetiva construção do conhecimento e, por consequência, conscientizem e estimulem a utilização de tecnologia inovadora. Aquela aula apenas expositiva com o único recurso tecnológico "mais inovador" – o livro didático – já não atrai mais nossos alunos, independente do nível: fundamental, médio e superior. A nós, urge pensarmos em como propor aulas. Para isso, cada vez mais, tornando nossa sala de aula um laboratório. Devemos testar várias possibilidades. Como diz a diretora do CEJLL/NAVE, "não devemos ter medo de ousar". Mas, antes de experimentarmos atividades diferenciadas, é necessário termos uma linha teórica a ser seguida. No caso do ensino da língua materna: a concepção de linguagem, a definição de língua, a construção de conhecimento e a função da escola.

Sendo assim, partimos do preceito de que uma língua é "um conjunto de regras que acionamos conforme as circunstâncias" (POSSENTI, 1998, p. 80); e de que a primeira tarefa da escola é "aumentar o domínio de recursos linguísticos por parte do aluno. Isso se faz expondo o aluno consistentemente a formas linguísticas que ele não conhece, mas deve conhecer para ser um usuário competente" (*Ibidem*, p. 88). A partir desse posicionamento teórico, apresentaremos nossa metodologia – algumas propostas de atividades realizadas e cujo resultado foi positivo.

2. As teorias de linguagem e as concepções de língua

Inicialmente, vale ressaltar que o educador desta disciplina deve conhecer as diversas teorias de linguagem e de concepções da língua a fim de que adote a melhor metodologia. Sendo assim, vejamos as três concepções de linguagem:

Até a década de 70, a linguagem era considerada *expressão de pensamento*. Trata-se de uma visão da tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Moderna. Só repensada no início do século XX, por Saussure (1969). Esta concepção preconiza que a expressão é produzida no interior da mente dos indivíduos. A linguagem é considerada a “tradução” do pensamento. As práticas linguísticas são vistas como decodificação. Norma culta norteia o ensino. A escola não explora as outras variantes linguísticas.

Na década de 1970, ocorreu uma inovação no ensino da língua materna. Como a linguagem deixou de ser entendida como a *expressão do pensamento* para ser considerada *instrumento de comunicação*, em que a modalidade oral é privilegiada. E também todos os gêneros e tipos textuais tornaram-se importantes instrumentos de transmissão de mensagens. O aluno deveria aprender as características de cada um deles para reproduzi-los na escrita e/ou fala e também para identificá-los nos textos lidos.

Neste período, o estruturalismo, a teoria da comunicação e o estudo das funções da linguagem, sobretudo, fundamentaram a produção de um modelo de ensino de língua portuguesa, enfatizado a partir da promulgação das Leis de Diretrizes e Bases 5692, de 1971, no Brasil. A língua portuguesa, no ensino fundamental, passa a ser intitulada *Comunicação e Expressão*. Nessa ótica, a linguagem é entendida como código. E o estudo da língua, apesar de propostas de inovações, ainda tende ao ensino gramatical, embora a leitura e a produção textual já sejam trabalhadas na escola, ao lado dos elementos da teoria da comunicação.

Conceber a linguagem como forma de *interação* significa entendê-la como "como uma ação orientada para uma finalidade específica (...) que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história" (BRASIL, 1998, p. 20). Ela foi criada a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin (1895-1975). Ele apresentou uma nova concepção de linguagem, a enunciativo-discursiva, que considera o discurso uma prática social e uma forma de interação – concepção vigente até hoje. A relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de quem o produz passaram a ser elementos fundamentais para a realização de um ensino produtivo.

O aluno passou a ser visto como sujeito ativo (não mais um produtor de modelos) e atuante – em vez de ser passivo no momento de ler e escutar.

No que se refere ao ensino da leitura, na primeira concepção, a de *expressão de pensamento*, ler significa captar a ideia do autor. Trata-se de um processo passivo. A segunda, a de *instrumento de comunicação*, considera a leitura como o reconhecimento e reprodução de sentido de um texto. O leitor decodifica a mensagem – as características de cada modalidade e gênero textual. Já a interacional, a leitura é um processo interativo. Autor e leitor são sujeitos ativos.

De acordo com alguns pesquisadores, como Halliday, McIntosh e Streven, o ensino da língua pode percorrer três vertentes classificadas a partir dos seguintes tipos: o prescritivo, o descritivo e o produtivo.

- *Prescritivo*: leva o aluno a substituir seus próprios padrões linguísticos por aqueles considerados corretos, socialmente aceitáveis. Estabelece regras de bom uso da norma culta. O ensino prescritivo tem por função levar o aluno a dominar a norma culta. É voltado para a língua escrita, para a tradição literária.

A gramática normativa é mais uma espécie de lei que regula o uso da língua em uma sociedade. A parte de descrição da norma culta e padrão não se transforma em regra de gramática normativa até que seja dito que a língua só é daquela forma, só pode aparecer e ser usada naquela forma. É preciso, pois, separar a descrição que se faz da norma culta da língua, que é apenas gramática descritiva de uma variedade da língua, com a transformação do resultado dessa descrição em leis para uso da língua. (TRAVAGLIA, 1997, p. 31)

- *Descritivo*: pretende observar como a língua funciona. Não objetiva interferir no comportamento do falante. Não ideia de correção. Todas as normas de uso da língua são adequadas a determinados contextos. Sendo assim, a gramática descritiva contempla qualquer variedade da língua.
- *Produtivo e/ ou reflexivo*: ensina novas habilidades linguísticas. Almeja-se que o aluno se aproprie da língua de forma adequada, valorize e respeite as variantes linguísticas. A gramática reflexiva é a representação das atividades de observação e reflexão sobre a língua que

buscam detectar, levantar suas unidades, regras e princípios, ou seja, a constituição e funcionamento da língua. Parte, pois, das evidências linguísticas para tentar dizer como é a gramática implícita do falante, isto é, a gramática da língua (PEREIRA).

A seguir, apresentaremos práticas interativas de uso da língua com base nos quatro pilares desta disciplina: a produção de texto, a leitura, a gramática e a oralidade.

3. Prática pedagógica: uma proposta

Conforme Marc Prensky, o mundo é dividido em nativos e os imigrantes digitais. Os nativos já nasceram cercados pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC); os imigrantes são os oriundos de um período anterior ou no início do surgimento das novas tecnologias. A maioria está se alfabetizando – como é o meu caso – inserindo os novos recursos no cotidiano da vida profissional e pessoal.

O cérebro dos “nativos” se desenvolveu de forma diferente em relação às gerações pré-internet. Eles gostam de jogos, estão acostumados a absorver (e descartar) grande quantidade de informações, a fazer atividades em paralelo, precisam de motivação e recompensas frequentes, gostam de trabalhar em rede e de forma não linear (TORI, 2010, p. 218).

Como, hoje, os educandos utilizam as novas mídias: blogs, redes sociais, youtube, nós, professores, devemos enfrentar este desafio: nos tornarmos imigrantes digitais. Dessa forma, não só nos apropriarmos desses recursos, como também utilizá-los de forma significativa no processo da construção do conhecimento de um aspecto semântico-morfossintático, a fim de contemplar os diferentes conteúdos a serem trabalhados. Isso porque “começam a se fazer cada vez mais presentes nos ambientes acadêmicos e políticos, sobretudo quando está em pauta a discussão sobre a necessidade de renovação dos processos educacionais” (SOUZA & GOMES, 2009, p. 36).

Apresentaremos a seguir algumas propostas realizadas:

Para trabalhar o gênero textual autobiografia, em 2010, expliquei a estrutura, exemplifiquei e propus que os alunos elaborassem a sua no Twitter – com apenas os 140 caracteres. Inicialmente, eles reclamaram, alegaram que seria IMPOSSÍVEL, mas, depois, se surpreenderam com seu poder de síntese. Afinal, vale lembrar que são permitido até 140 caracteres. Depois, repeti a experiência em 2011, através do facebook, rede social mais utilizada desde a época, mantendo o número de caracteres. Eis alguns exemplos:

1. Sou uma receita. Uma pitada de sarcasmo, rancor e uma porção de arrependimento. Mexa bem e tire a tampa. “Voilà”, um prato de vida não vida. Patrícia O.

2. Futebol, samba, amigos, música, conversa. Extrovertido sem querer aparecer. Tímido sem querer se isolar. Eu mesmo sem ser o mesmo. Raphael G.
3. Companhia me agrada, a música me leva. Afundo em pensamentos e voço no imaginário. Ciúme do que é meu. Muito ciúme. Sou apaixonada em período integral. Amo tudo que me faz feliz. Rebeca C.
4. Uma sonhadora sem limites, de imaginação fértil e mente aberta. Sou um poço de qualidades e defeitos. O obvio não me convém e o estranho me agrada. Marcelly L.

Ano passado, 2012, no 1º bimestre, um dos conteúdos era o gênero textual manifesto. Apresentei a sua estrutura e vários exemplos (Manifesto Marxista, Pau-Brasil etc.). Os alunos elaboraram um em grupo em forma de poema, música etc.; e, na prova de redação do bimestre, propus que elaborassem o seu cujo tema foi: *Manifesto, logo existo*. Foi um trabalho integrado, uma vez que os educadores de sociologia e filosofia também trabalharam a temática na sua respectiva disciplina. A correção foi realizada pelos três educadores. Cada um utilizou uma cor de caneta a fim de tecer os comentários pertinentes do seu conteúdo. Este ano, 2013, para trabalhar o mesmo gênero, ousei mais: pedi para que, além dessas atividades, criassem um no MOODLE institucional <http://nave-rio.vacavitoria.com> com os 140 caracteres do Twitter e, novamente, o resultado foi positivo:

1. A hora da libertação chegou! A ditadura irá se esvaír. O momento é nosso! Para a rua, já! A África de Mubarak, Qaddafi irá acabar! Thiago T.
2. É preciso força de vontade! Para vencermos, na vida não podemos ter moleza e preguiça. Preparemo-nos para o amanhã vitorioso! Lutemos pelo nosso futuro! Julien B.
3. Não acredite na ilusão de que devemos consumir para sermos felizes. Não seja manipulado! Não é o excesso de bens que mudará nossas vidas. Sorria mais e consuma menos! Catarina M.

Este ano, no início do 2º bimestre, a equipe de língua materna realizou a SEMANA DA LÍNGUA PORTUGUESA. A proposta é abordar questões relacionadas à leitura, à escrita e à produção textual de forma criativa, prazerosa e construtiva, a partir do uso das novas tecnologias disponíveis no Colégio José Leite Lopes/NAVE. O objetivo foi promover o conhecimento da língua portuguesa ao abordar temas diversos: leitura e escrita, a fim de despertar nos educando o interesse por esta área do saber. As atividades desenvolvidas foram: Assistir ao documentário: *Língua Vidas* (em português) – Duração: 1h45; oficinas:

- 1 *HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA* – Prof. Edson – A oficina tem por objetivo apresentar um breve percurso pela história da formação do nosso idioma.
- 2 *RODA DE LEITURA* – Profa. Priscila Daniello – A oficina objetiva estimular o hábito da leitura e incentivar o uso da Biblioteca.
- 3 *NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO* – Profa. Renata Barcellos – A oficina pretende apresentar um breve histórico acerca dos acordos anteriores e refletir sobre as novas regras propostas.
- 4 *A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MERCADO DE TRABALHO ATUALMENTE* – Profas. Lídia e Renata – No *Dia Profissional* (8 de maio), a oficina será proposta a fim de conscientizar os formandos da importância da adequação da linguagem verbal e não-verbal no processo seletivo.
- 5 *DIÁLOGOS PECULIARES ENTRE A ÁFRICA E O BRASIL* – Profa. Lídia Oliveira. A oficina tem por objetivo apresentar a influência das línguas africanas no processo de formação da língua portuguesa (oral e escrita) do Brasil.
- 6 *A INTERTEXTUALIDADE COMO ESTRATÉGIA CRIATIVA: UMA LEITURA DE TEXTOS PUBLICITÁRIOS* – Profs. Edson e Renata Barcellos – Objetivo: Refletir a respeito da intertextualidade como um dos recursos expressivos em textos midiáticos.

E atividades na biblioteca a fim de incentivar seu uso. Devido ao número de alunos, organizamos as seguintes atividades assim:

Navegando pelo universo literário: Objetivos: incentivar o uso deste ambiente; estimular a leitura de obras diversas; verificar o nível de conhecimento dos alunos. Descrição da atividade: – Nos intervalos e/ou tempos vagos, os alunos devem ir à biblioteca a fim de descobrir qual é a obra do fragmento selecionado. Os educandos mais participativos e com maior número de “descobertas” ganharão um prêmio (passeio cultural). Observação. Primeira série – terça-feira – 7 de maio; segunda série – quarta-feira – 8 de maio; terceira série – quinta-feira – 9 de maio

NAVESTAK

Objetivo: Verificar qual frase da obra lida – durante o bimestre – o educando destaca como sendo a mais importante para ele; justificar a escolha

de uma determinada frase; Descrição da atividade: disponível no site do evento: <http://semanalp.wix.com/nave#>. O aluno realizar a seguinte atividade: – escolher uma frase da obra lida em cada série:

1º série: *Romeu e Julieta* – Shakespeare

2º série: *Amor de perdição* – Camilo Castelo Branco

3º série: *Fome negra* – João do Rio

Critério: justificar sua escolha – no máximo com 140 caracteres. Vejamos os exemplos:

1. *Fome Negra* – João do Rio “[...] Quanto ao trabalho, estão convencidos que neste país não há melhor. Vieram para ganhar dinheiro, é preciso ou morrer ou fazer fortuna. [...]” Escolhi esse trecho, pois retrata a realidade dos trabalhadores do manganês que apesar da miséria sofrida ainda têm esperança de fazer fortuna. Dandara S.
2. É uma espécie de gente essa que serve às descargas do carvão e do minério e povoa as ilhas industriais da baía, seres embrutecidos, apanhados a dedo, incapazes de ter ideias *Fome Negra* – João do Rio. Uma frase forte e interessante, pois dá uma ideia de coisificação do homem, como se não houvesse chance dele se rebelar, um homem limitado. Mostra também um homem embrutecido que trabalha confinado como num campo de concentração. Tâmara C.
3. Amava, e tinha ciúmes de Teresa, não ciúmes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em lavareda os lábios, porque os olhos se abriam pronto em lágrimas para apagá-la. – Camilo Castelo Branco. Escolhi este trecho que se refere à Mariana, que amava Simão Botelho. A personagem expressa o sentimento de uma forma exagerada nas cartas que escrevia para Simão e isso era característico da segunda geração do Romantismo. Uma personagem marcante, amorosa e sensível. Pela ter essas características, me identifiquei com a mesma e escolhi um trecho referente a ela. Adalgiza S.
4. Se o amor é cego, não pode acertar o alvo. – Mercúcio A minha justificativa é que, quando uma pessoa está amando, não consegue olhar para os defeitos da amada e por causa disso pode ter consequências. Pedro S.

Ao propor esta atividade, segundo Moran, a internet “é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece” (2000, p.53). Pela participação e entusiasmo dos alunos de toda a escola, parece que atingimos nossos objetivos.

Este ano no CEJLL/NAVE, estamos experimentando o MOODLE <http://nave-rio.vacavitoria.com>. Nele, já realizamos no 1º bimestre um trabalho integrado com Química. A educanda abriu uma pasta intitulada

Questões de Química. A proposta era os alunos de criarem questões a partir do conteúdo trabalhado. Eu, enquanto professora de língua materna, analisava a organização das informações; enquanto a de química, a abordagem do conteúdo. Este segundo bimestre, o projeto é sobre drogas. Para isso, também com uso desta ferramenta, propomos que eles enviassem o roteiro do trabalho a ser elaborado sobre essa temática. Paralelo a isso, houve propostas de redação: a prova bimestral cujo tema foi: “Drogas & sexo. Na década de 80, o lema era *Drogas, sexo e rock and roll*; hoje, qual é o atual? Como a juventude lida com essas questões?”

Também estou propondo microapresentações para analisar e aprimorar a expressão oral. Esta porque, de acordo com Marcuschi, é imprescindível trabalhar a expressão oral também. Afinal, a fala é “uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas” (1997, p. 39). Como a instituição pretende formar cidadãos autônomos, além da habilitação em um dos três cursos técnicos, é nossa função criar situações em que os alunos possam desenvolver essa habilidade. Em projetos integrados com outras disciplinas também verificamos a expressão não só oral como também postural. Um dos realizados foi o NAVE +20, em que os alunos defendiam ou não a construção da usina de Belo Monte.

...cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações (PCN, 1998, p. 25).

Neste terceiro bimestre, no NAVE/CEJLL, estou implementando um outro critério de avaliação com base na matriz curricular de língua portuguesa do 3º ano (<http://www.avaliacaoexternasaerj.caedufjf.net/wp-content/uploads/2012/05/BoletimPedagogicoLP3AnoEMSAERJ2008.pdf>). Propus que os alunos levassem a cópia deste documento norteador das questões propostas pelo SAERJ (Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro) e a tabela elaborada por um aluno com os diversos descritores abordando os três pilares: uso da língua, leitura e produção textual.

Turma	Leitura										Uso da Língua					Produção Textual										
	D1	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D14	D20	D21	D2	D13	D15	D16	D17	D18	D19	C1	C2	C3	C4	C5
Aluno																										
1																										
2																										
3																										
4																										
5																										
6																										
7																										
8																										
9																										
10																										

O objetivo é que a tabela seja um controle para aprimorar as defasagens dos alunos nos quatro pilares desta disciplina: a produção de texto, a leitura, a gramática e a oralidade.

Todas as atividades propostas são acompanhadas do descritor trabalhado. Quando o aluno erra a questão, sinalizo na tabela o descritor. Por exemplo:

(FUVEST 2012) – **D 3** – O pronome "ela" da frase "Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções", refere-se a ... D 3

A– “desmedida ambição”. B– “Casa de Avis”. C– “esta burguesia”. D– “ameaça castelhana”. E– “Rainha Leonor Teles”.

Por fim cabe ressaltar que, nas duas instituições, o educador é orientado a utilizar os recursos tecnológicos. Principalmente, o institucional. Isso é positivo? Sim, aguça-nos a curiosidade de navegarmos em mares nunca dantes ou poucos navegados. Entretanto, há um ponto negativo, como tudo, a dificuldade com a conexão, o tempo dedicado à elaboração e à análise das propostas. Devido a isso, urge não só repensarmos nossa prática, como também a disponibilidade de tempo para que o educador atualize-se lendo novas teorias, analise questões de provas atuais e navegue nas redes sociais para corrigir atividades propostas. Assim, o uso de recursos midiáticos e da tecnologia permite-nos ampliar o conceito de aula e de sala de aula.

4. Considerações finais

A partir de uma breve reflexão sobre as concepções de linguagem e de língua, do ensino da língua materna e de minha experiência em 2008 com a tecnologia na prática pedagógica, tenho procurado utilizar as diversas linguagens e, com isso, me tornado uma imigrante digital e procurado desenvolver, cada vez mais, atividades utilizando as diversas ferramentas: blog, youtube, redes sociais, MOODLE etc. Tenho comprovado não só como o ensino deve ser desenvolvido dentro da concepção da interação – de ser produtivo – fazer sentido para o aluno os conteúdos a serem trabalhados; como também os apontamentos de Moran a respeito do uso dos recursos tecnológicos “alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo” (2000, p. 17-18). Por isso, o resultado nas avaliações externas tem ratificado isso. Quanto ao CEJLL/NAVE, nas provas como o SAERJ, UERJ e ENEM, a instituição tem se destacado com os melhores resultados da Rede Estadual de ensino. Em relação à UNICARIOCA, a avaliação AV2 é institucional e online pelo MOODLE. No final do período, a prova é aplicada contemplando a ementa do curso. Os educandos têm apresentado desempenho satisfatório. Aqueles que pleiteiam vaga em concurso público também apresentam um bom resultado.

Hoje, verifico como faz-se necessário enquanto educadores nos mantermos conectados ao mundo e, essencialmente, ao tecnológico. Precisamos navegar pelas redes sociais hoje na “moda”, a fim de percebermos aquilo que está despertando a atenção dos educandos. Esses precisam ser expostos a atividades em que “requer a condição de sujeito participativo, envolvido, motivado, na posição ativa de desconstrução e reconstrução de conhecimento e informação, jamais passiva, consumista, submissa.” (DEMO, 2008). Ao utilizarmos os diversos recursos tecnológicos na construção dos diversos conteúdos, desenvolvemos a criatividade e diversas habilidades.

Faz-se necessário dizer que não basta utilizar a tecnologia e a dinâmica da aula permanecer a mesma. A metodologia deve ser repensada para abordarmos os diversos conteúdos das disciplinas. “Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial” (MORAN, 2000, p. 63).

Por fim, os grandes desafios da contemporaneidade são: tornar-se imigrante digital e “apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensi-

no, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídias, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão, na regulação de situações de aprendizagem.” (PERRENOUD (2000, p. 139).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. Trad.: M. Lahud e Y.W. Pereira. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad.: M. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96*. Brasília: MEC, 1996.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad.: Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 1999.

CARDOSO, Silvia Helena. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

DEMO, Pedro. *TICs e educação*, 2008.

<http://www.pedrodemo.sites.uol.com.br>

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel *et alii*. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREIRA, Rosimeri da Silva. *O ensino de língua portuguesa: Perspectivas conceituais e históricas do campo*. Disponível em:

<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/O%20ENSINO%20DE%20L%20CDNGUA%20PORTUGUESA.pdf>.

PERRENOU, P. *Dez novas competências para ensinar* Porto Alegre: Artmed, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras: ABL, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad.: A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; GOMES, Maria Lúcia Moreira. *Educação e ciberespaço*. Brasília: Usina de Letras, 2009.

TARDELLI, Marlete Carboni. *O ensino de língua materna: interações em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2002.

TORI, Romero. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distância em ensino e aprendizagem*. São Paulo: SENAC-SP, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.